



O FALAR *CAIPIRA* NÃO É UM *PROBLEMA* – UM ESTUDO DO ROTACISMO E DO RETROFLEXO NO FALAR CASCAVELENSE

Tathiane Cristino

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Sanimar Busse

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a descrição do rotacismo e do retroflexo na fala dos cascavelenses, tendo como alicerce os princípios teórico-metodológicos da área da variação e diversidade linguística. O município de Cascavel, localizado na região oeste do Paraná, pode ser descrito pelos traços mais heterogêneos dos grupos que colonizaram a localidade. Esse pluralismo linguístico orientou a pergunta norteadora da pesquisa: que variáveis sociais e linguísticas favorecem ou inibem os fenômenos do rotacismo e do retroflexo na fala dos cascavelenses? Para responder à questão, parte-se de Labov (1972); Tarallo (2001), Aguilera (1994) e Cardoso (2010). O *corpus* deste estudo é composto pelas respostas aos inquéritos fonético-fonológicos do *Estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná* (BUSSE, 2010). A partir das análises, perceberam-se traços de estigma e de prestígio linguístico perante as variantes. Constatou-se, ainda, que falantes mais velhos preservam em sua fala traços linguísticos dos grupos de origem, enquanto informantes mais novos tendem a monitorar mais sua fala nas entrevistas, indicando que as variantes são pauta de avaliação na comunidade de fala. Ademais, observou-se que o contato com a variedade padrão no ambiente escolar pode motivar a não realização do rotacismo na fala dos mais escolarizados, pois os dados mostraram um número menor de ocorrências da variante nesse estrato.

Palavras-chave: Variação; Fala; Dialectologia.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo presentar la descripción del rotacismo y del retroflejo en el habla de los cascavelenses, con base en los fundamentos teórico-metodológicos de la variación y de la diversidad lingüística. El municipio de Cascavel, situado en la región oeste de Paraná, puede describirse según los rasgos ampliamente heterogéneos de los grupos que colonizaron el pueblo. Este pluralismo lingüístico orientó la pregunta que conduce la investigación: ¿qué variables sociales y lingüísticas favorecen o inhiben los fenómenos de rotacismo y de retroflejo en el habla de los cascavelenses? Para dar respuesta, se parte de Labov (1972); Tarallo (2001), Aguilera (1994) y Cardoso (2010). El *corpus* de este trabajo está compuesto por las respuestas a las encuestas fonético-fonológicas del *Estudio geossociolingüístico del habla del Oeste de Paraná* (BUSSE, 2010). A partir de los análisis, se percibieron marcas de estigma y de prestigio lingüístico con relación a las variantes. Se constató también que los hablantes más viejos preservan en su habla marcas lingüísticas de los grupos de origen, mientras que los más jóvenes tienden a cuidar más su habla durante las entrevistas, lo que indica que las variantes son una pauta de evaluación en la comunidad de habla. Además de eso, se observó que el contacto con la variedad estándar en el ambiente escolar puede motivar la no realización del rotacismo en el habla de los más escolarizados, pues los datos mostraron un número menor de eventos del fenómeno en esa categoría.

Palabras clave: Variación; Habla; Dialectología.



Tathiane Cristino é mestranda em Letras (Área de concentração Linguagem e Sociedade) na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

E-mail: tathianecristino@gmail.com

Sanimar Busse é professora doutora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

E-mail: sani_mar@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Considerando que a língua sofre mudanças a todo o momento, torna-se necessário observar as relações entre a estrutura e as condições sociais e culturais de realização da língua falada. A heterogeneidade linguística é resultado da experiência social dos falantes, sendo a variação uma transmissão sociocultural, pois está intrinsecamente ligada à experiência cultural dos indivíduos. Tais compartilhamentos sucedem em atos de heterogeneidade linguística, e compreendê-los, sobre essa perspectiva, significa entender os meios pelos quais as variáveis são movidas e compartilhadas.

Neste texto apresentamos os resultados da análise dos fenômenos do rotacismo (substituição da consoante lateral alveolar [l] pela vibrante simples ou tepe [r] e do retroflexo [ɾ] em Cascavel/PR, a partir dos dados coletados para o *Estudo geosociolinguístico da fala do oeste do Paraná* (BUSSE, 2010).

As investigações que se debruçam sobre os fenômenos de variação e diversidade linguística partem dos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Dialetoлогия Pluridimensional. Ambas as ciências auxiliam na descrição da língua e no conhecimento da identidade linguística-cultural

de comunidades de fala. Outrossim, as pesquisas no âmbito da diversidade linguística colaboram para o reconhecimento de áreas e de zonas de conservação e inovação que são marcadas pelo pluralismo linguístico, como o Oeste do Paraná.

Como descrito por Silva-Corvalán (1989), a Sociolinguística é uma disciplina independente, com sua própria metodologia, desenvolvida principalmente nos Estados Unidos e no Canadá a partir dos anos sessenta. Esse campo investiga a relação entre os fenômenos linguísticos e os contextos de uso da língua, além de trabalhar com a descrição de registros orais de indivíduos inseridos em uma comunidade de fala, os quais compartilham com os demais integrantes dessa comunidade uma série de experiências e atividades. Desse modo, a área supracitada trabalha com a língua falada na sua manifestação mais espontânea.

A Dialetoлогия pesquisa a situação da língua, sobretudo sua variação, estudando-a “conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15). Portanto, o método da Dialetoлогия é a geografia linguística, que, conforme postula Coseriu (1950, p. 29),

[...] Designa exclusivamente un método dialectológico y comparativo que ha llegado a tener extraordinario desarrollo en nuestro siglo, sobre todo en el campo románico, y que presupone el registro en mapas especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónica, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de un territorio determinado o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o los hablares estudiados¹.

¹ “[...] Designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo que chegou a ter desenvolvimento extraordinário em nosso século, sobretudo no campo românico, e que pressupõe o registro em mapas de um

número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais e gramaticais) comprovadas mediante entrevista direta e unitária em uma rede de pontos de um determinado território ou, pelo menos, leva em



A Dialetoologia monodimensional contempla somente o espaço geográfico; contudo, o trabalho dialetológico associado à Sociolinguística possibilita o percurso da pesquisa monodimensional para o campo bidimensional da variação linguística, resultando na função da Dialetoologia Pluridimensional, pois ela abrange, além da dimensão diatópica, a diastrática, a diassexual² e a diageracional³.

Além de compreender, em termos conceituais, o que é dialeto, para este trabalho é necessário conceituar a isoglossa. O termo dialeto é utilizado para referir-se à característica linguística própria de uma região ou território, a qual compõe-se de um feixe de isoglossas que são, conforme Ferreira e Cardoso (1994, p. 12-13), “uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas”. Têm-se, como exemplo, a pronúncia de uma vogal ou o significado de um vocábulo, como em *bergamota*, *mexerica*, *tangerina* para nomear a mesma fruta cítrica, respectivamente no Rio Grande do Sul, Nordeste em geral e Rio de Janeiro (CRISTÓFARO-SILVA, 2003). Destarte, os dialetos caracterizam-se como uma gama de isoglossas que apresentam uma homogeneização relativa numa comunidade linguística em confronto a outras comunidades.

1 O OESTE DO PARANÁ E CASCAVEL: ALGUNS REGISTROS HISTÓRICOS E SOCIAIS

Na história de habitação e colonização do Oeste paranaense encontram-se falantes de distintos dialetos, brasileiros e estrangeiros. A criação de suínos e o cultivo de cereais possibilitou, inicialmente, o desenvolvimento econômico da região para, mais tarde, atrair trabalhadores e imigrantes de distintas

localidades do país. Segundo Busse (2010, p. 23),

Alguns trabalhos geolinguísticos realizados sobre a fala do Paraná e da região Sul do Brasil têm registrado, na região Oeste do Paraná, áreas em que se mantêm os traços da fala dos estados de origem dos primeiros moradores (Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e zonas de transição linguística, em que se constata a adoção de formas inovadoras da fala de grupos de outras regiões do Paraná e do Brasil.

À procura de novas terras e com o intuito de ali transmitir sua cultura e modo de viver, grupos migraram e reemigraram Brasil afora plantando em cada canto traços muito particulares, principalmente na língua. E, como resultado, tem-se um ambiente linguístico marcado por aspectos de mudança, conservação e traços linguísticos.

O município de Cascavel/PR, com uma área total de 2.091,401 km², está localizado a 800 metros acima do nível do mar e a 491,00 quilômetros de Curitiba. Faz divisa com os municípios de Santa Tereza do Oeste, Tupãssi, Toledo, Cafelândia, Corbélia, Braganey, Campo Bonito, Catanduvas, Três Barras do Paraná, Boa Vista da Aparecida, Santa Lúcia e Lindoeste. Conforme dados do Censo IBGE-2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população de Cascavel é de 286.205 habitantes.

Segundo a historiografia local, a atuação no setor industrial da madeireira foi de extrema importância na transformação e no progresso da economia do município. Ademais, o setor colaborou para o início do povoamento da região, pois ocupava-se, em grande quantidade, de negócios em comparação aos outros âmbitos da indústria: “o ciclo da madeira, entre os anos 30 e 40, atraiu grande número de

consideração a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou os falares estudados” (COSERIU, 1950, p. 29, TRADUÇÃO NOSSA).

² Termo da dialetologia utilizado para se referir à variável extralinguística sexo masculino e sexo feminino.

³ Termo da dialetologia utilizado para se referir às faixas etárias, ou também, às diferentes gerações dos falantes.



famílias de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e, em especial, colonos poloneses, alemães e italianos que, juntos, formaram a base populacional da cidade” (CASCAVEL, 2012, s.p). Considerando, portanto, a formação do Oeste Paranaense e da cidade de Cascavel, é possível verificar um polimorfismo linguístico, o qual se reflete em um encontro de diferentes culturas convivendo com fatores linguísticos e resultando na troca de elementos da língua, fatos que proporcionam pesquisas que enriquecem os estudos do Português falado no estado do Paraná.

2 ROTACISMO E RETROFLEXO

Esta pesquisa compreende a descrição da realização da vibrante alveolar simples ou tepe [r], da lateral alveolar [l] e da retroflexa alveolar [ɾ] em encontros consonantais e coda silábica na fala de Cascavel/PR. Os dados foram coletados durante a produção da tese intitulada *Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná* (BUSSE, 2010).

Na literatura linguística, denomina-se rotacismo a substituição da lateral líquida dental [l] pela vibrante simples ou tepe [r] (CRISTÓFARO-SILVA, 2011) - como, por exemplo, ao dizer “blusa” em vez de “brusa” - e, na região Oeste do Paraná, além do tepe, também, pelo retroflexo [ɾ], em [ˈpɔɾtɐ]. A variante retroflexa [ɾ] ocorre com a curvatura da ponta da língua em direção aos alvéolos e, concomitantemente, o levantamento da parte posterior em direção ao palato mole (CRISTÓFARO-SILVA, 2011). Conhecido como “erre caipira”, o retroflexo pode ser descrito como variante regional que se alterna na fala local com o tepe.

No que concerne ao fonema [r], sabe-se que este é realizado de diferentes formas no português brasileiro, ou seja, ele possui mais de

um som existente. Essa diversidade se denomina *róticos*, grupo do qual o retroflexo é constituinte.

O retroflexo é produzido pelo levantamento e encurvamento da língua em direção ao palato duro. Segundo Lima (2013), retroflexão refere-se como “aquela em que a língua se curva para trás tocando o palato” (LIMA, 2013, p. 44). Dentre as teorias para o fenômeno do retroflexo, entre os falantes do português brasileiro, salientamos as observações de Amaral:

Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este ‘r caipira’ assemelha-se bastante ao ‘r’ inglês *post-vocálico*. É, muito provavelmente, o mesmo ‘r’ brando dos autóctones. Estes não possuíam o ‘rr’ forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema (AMARAL, 1976, p. 47, grifos do autor).

Sobre o posicionamento, a ocorrência do grupo de róticos é identificada nos seguintes contextos linguísticos: i) início de palavras (C⁴V⁵): rato, roupa, riacho; ii) em codas silábicas a) medial (CVC): carnaval, portão, marcenaria; b) final (CVC): mar, flor, amor; iii) em posição intervocálica (VCV): aranha, iriam, origem; iv) em grupos consonantais (CCV): globo, clara, flores. O erre retroflexo pode ocorrer em coda medial e final.

O rotacismo encontra-se no campo de fenômenos com mais registros no português brasileiro. Amaral (1976) retrata a troca da consoante lateral pela consoante vibrante alveolar como “um dos vícios de pronúncia mais radicados

⁴ C refere-se às consoantes.

⁵ V refere-se às vogais.



no falar dos paulistas, sendo frequente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contato com o povo rude” (AMARAL, 1976, p. 52).

Bagno (2005) define o rotacismo como marcas que se afastam das regras gramaticais da escola e dos dicionários. O pesquisador procura desmistificar a concepção de que “pessoas sem instrução falam tudo errado” (BAGNO, 2005, p. 43). Desse modo, o que é, então, classificado como suposto erro revela, de fato, uma continuidade de uma tendência antiga na nossa língua, pois, de acordo com Teyssier (2004), a troca de [l] por [r] refere-se a uma tendência natural manifestada na evolução das línguas românicas, cuja raiz é o latim vulgar, em que, em diversos casos, o [l] converteu-se em [r] na língua portuguesa, como a alteração de “obligare” para “obrigar”. Até mesmo na literatura de Camões, em sua prestigiada obra *Os Lusíadas*, existem registros do fenômeno em seus versos: “fruta, frecha, pranta, pruma” (COX, 2008, p. 2).

O fenômeno do rotacismo realiza-se em três contextos silábicos: em coda medial, como em *alface* > *arface*, em coda final, *sal* > *sar*, e em grupos consonantais, *globo* > *grobo*. Conforme supracitado, a rotacização caracteriza-se pela alternância entre a consoante líquida lateral alveolar [l], a consoante vibrante simples ou tepe [r].

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo ocorreu em quatro pontos de Cascavel: a) Sede Alvorada, que abrigou os grupos oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (descendentes de alemães e italianos); b) Juvinoópolis, que recebeu paulistas e grupos das regiões centrais do Paraná, além de gaúchos; c) Rio do Salto, onde foram deixados traços, principalmente pelos gaúchos; e d) região central do município, com traços que podem separar sua realidade das localidades supracitadas, principalmente a partir das atividades econômicas.

Cascavel, apesar do movimento de passagem para Foz do Iguaçu, no final do século XIX, com a formação da Colônia Militar, foi fundada na década de 1960, na onda de colonização sulista. Porém, quando se tornou polo nas atividades econômicas produtivas e comerciais, com o desenvolvimento dos segmentos da educação, especialmente do Ensino Superior, observou-se uma mudança no perfil sociolinguístico da população, que migrou posteriormente para a cidade.

Diante do exposto, objetivamos observar o falar urbano e rural. Na próxima página, apresentamos a rede de pontos da pesquisa:



Figura 1 – Rede de pontos de Cascavel



Fonte: Mapa de Cascavel (2009, s.p.)

As variáveis sociais eleitas para a seleção dos informantes objetivaram identificar os processos de mudança em curso, considerando os grupos que colonizaram as localidades

(sulistas descendentes de alemães e italianos) e de falantes que migraram para a região a partir das décadas de 1970 e 1980, descendentes do norte do Paraná e da região sudeste do país.

Quadro 1 – Dimensões e parâmetros diatópicos e socioculturais

DIMENSÕES		PARÂMETROS
SOCIOCULTURAL	Diastrática	EFI (Analfabeto ou Ensino Fundamental incompleto)
		EMI (Ensino Fundamental completo ou Ensino Médio incompleto)
	Diageracional	G I (18 a 35 anos)
		G II (45 a 65 anos)
	Diassexual	Masculino
		Feminino

Fonte: Busse (2010, p. 118)



A variável diastrática, que diz respeito à escolaridade, é adicionada aos estudos linguísticos. Sua inclusão nas pesquisas justifica-se pela indispensabilidade de se compreender as significativas diversidades acerca dos usos linguísticos de uma comunidade de fala escolarizada e não escolarizada. Acredita-se que, quanto maior for o contato com a variante padrão, maiores serão as chances de a comunidade recusar formas inovadoras.

Ao estudar a variável diageracional, que se refere à faixa etária, faz-se importante delimitar o que é mudança individual e o que é mudança histórica: a variável pode indicar mudança em uma comunidade de fala no que se refere ao tempo ou mudança na fala do informante em relação ao seu tempo de vida. Em pesquisas que abrangem a dimensão diageracional, faz-se necessário atentar-se a outros fatores sociais, pois o estudo conjunto pode revelar algumas situações:

- a) A fala do indivíduo permanece estável e a comunidade muda;
- b) A fala do indivíduo permanece estável e a comunidade também permanece estável;
- c) A fala do indivíduo muda e a comunidade permanece estável;
- d) A fala do indivíduo muda e a comunidade também muda (COELHO et al, 2015, p. 81).

A associação da variável diageracional aos demais fatores linguísticos propicia dados indispensáveis ao entendimento das estabilidades e das mudanças em comunidades de fala.

No decorrer das pesquisas linguísticas, a dimensão diasssexual, referente à variável sexo, foi essencial para a compreensão dos fenômenos da linguagem. A partir dela é possível identificar os prováveis contrastes entre a fala dos homens e das mulheres. Além disso, como apontam os trabalhos sobre a dimensão diasssexual, as mulheres adequam

sua fala a ocorrências em que as inovações não sofrem preconceitos. Para Coulthard (1991), essas diferenças surgem em todos os níveis, como: entonação, gramática, sotaque e vocabulário. De acordo com Busse (2010, p. 112), “as mulheres são mais conscientes do *status* social das formas linguísticas do que os homens; por esta razão, elas são mais sensíveis à significação das variáveis linguísticas nas relações sociais”.

Os dados foram coletados de respostas ao questionário fonético-fonológico realizado por Busse (2010), constituído de 84 perguntas e aplicado a 08 informantes da cidade de Cascavel. Para a análise das variantes, selecionamos as questões em que os fenômenos do rotacismo e do retroflexo poderiam estar presentes.

4 ROTACISMO E RETROFLEXO: O QUE DIZEM OS DADOS

Apresentamos, aqui, a descrição e a análise dos dados no que se refere ao registro dos fenômenos na dimensão sociocultural.

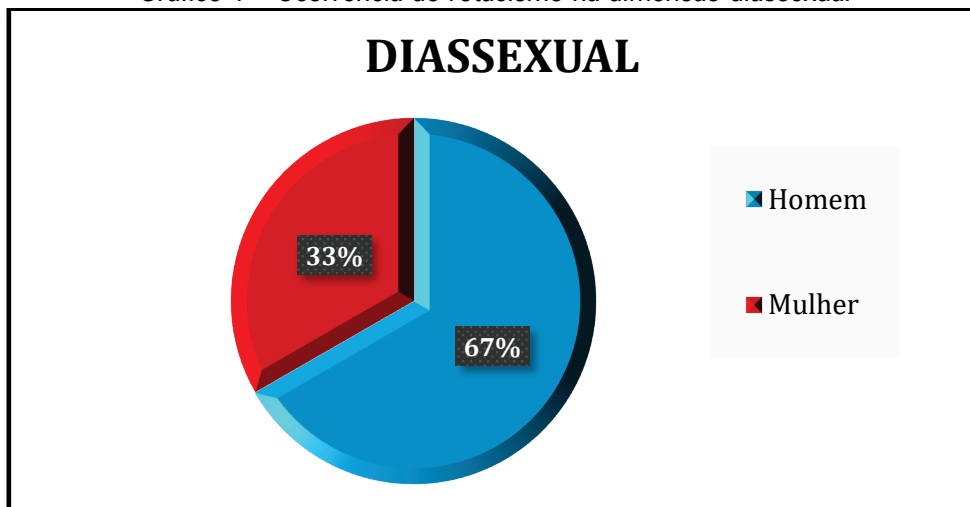
A análise revelou que o rotacismo é nulo em coda silábica final. Fato que é justificado pela transformação da consoante lateral [l] na semivogal [w], fenômeno classificado como vocalização. A variante estudada fez-se presente em 3 palavras: “pórvora”, “armoço” e “pranta”.

No decorrer da análise, verificamos que falantes de ambos os sexos, masculino e feminino, apresentaram em sua fala o rotacismo. No entanto, há diferenças significativas entre esses dois grupos.

Na sequência, no Gráfico 1, apresentamos o registro das ocorrências do fenômeno na dimensão diasssexual, entre os informantes que registraram o rotacismo.



Gráfico 1 – Ocorrência do rotacismo na dimensão diassexual



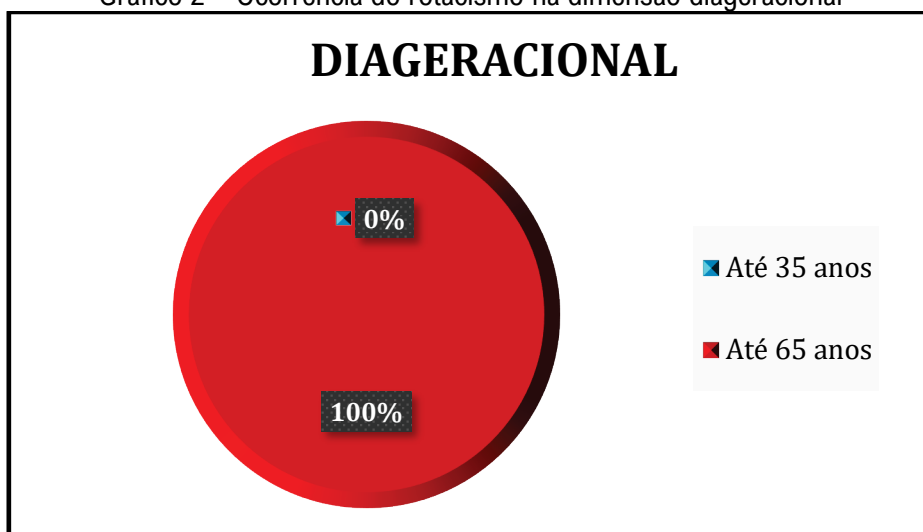
Fonte: Elaborado pelas autoras

Para a Sociolinguística, a dimensão diassexual age no campo da variação e da mudança linguística, pois orienta acerca das formas de prestígio de uma determinada comunidade de fala. Labov (1972, p. 346) constatou que “mulheres usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada”. Nesta pesquisa, a porcentagem menor de realização do rotacismo registrada pelas mulheres pode estar

relacionada ao prestígio e ao estigma linguísticos.

A variável faixa etária também se destaca para o estudo do rotacismo no falar cascavelense. Entre os informantes que realizaram o rótico, não foram identificadas ocorrências na fala da geração I, até 35 anos de idade. A variante [r] fez-se presente somente na fala da geração II, com até 65 anos de idade:

Gráfico 2 – Ocorrência do rotacismo na dimensão diageracional



Fonte: Elaborado pelas autoras

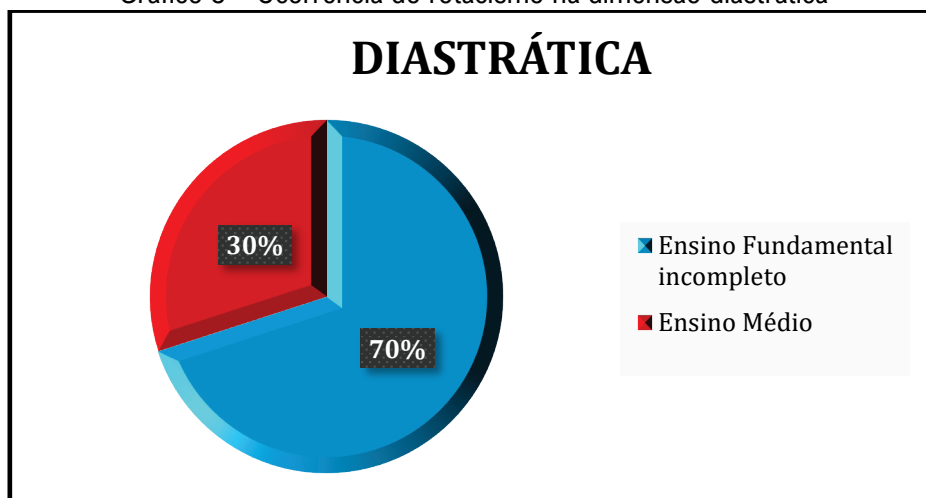


Podem-se inferir duas justificativas para este caso: falantes mais jovens tendem a se policiar mais nas entrevistas e, em se tratando de um fenômeno que sofre avaliações, é possível que acionem a consciência linguística e monitorem o fenômeno. Outra justificativa se dá pelo fato de que os informantes mais velhos, principalmente em comunidades rurais, acessam graus de avaliação e monitoramento

condicionados pelo prestígio linguístico dos moradores da comunidade, às vezes, mais homogênea.

A variável distrática registrou ocorrências distintas. A variante retroflexa [ɾ] foi encontrada, entre os informantes que registraram o rotacismo, em falantes com Ensino Fundamental incompleto:

Gráfico 3 – Ocorrência do rotacismo na dimensão diastrática



Fonte: Elaborado pelas autoras

Busse (2012) destaca que, muito provavelmente, o acesso à escrita e a progressão em níveis de escolaridade possam influenciar no comportamento que os falantes apresentam com relação a um e outro fenômeno. Não há, por exemplo, pistas para que se tenha uma noção de certo e errado sobre o retroflexo, mas, sobre o rotacismo, a escrita da palavra com o grafema L pode balizar graus de consciência sobre a forma de prestígio (BUSSE, 2016). Vejamos, no quadro que segue, um exemplo com a palavra “claro”:

Quadro 4 – Representações e atitudes sobre o Rotacismo

CLARO	→	Grafia da palavra.
ESCOLA	→	A escola ensina escrita ortográfica padrão.
FALANTE	→	Ao falar, ocorre a troca da consoante L pela consoante R = CRARO . Ocorre a estigmatização por parte do ouvinte, que acredita que o OUVINTE falante pronuncia a palavra de modo “errado”
OUVINTE	→	por falta de conhecimento e instrução, pois não é desse modo que a palavra é escrita.

Fonte: Elaborado pelas autoras



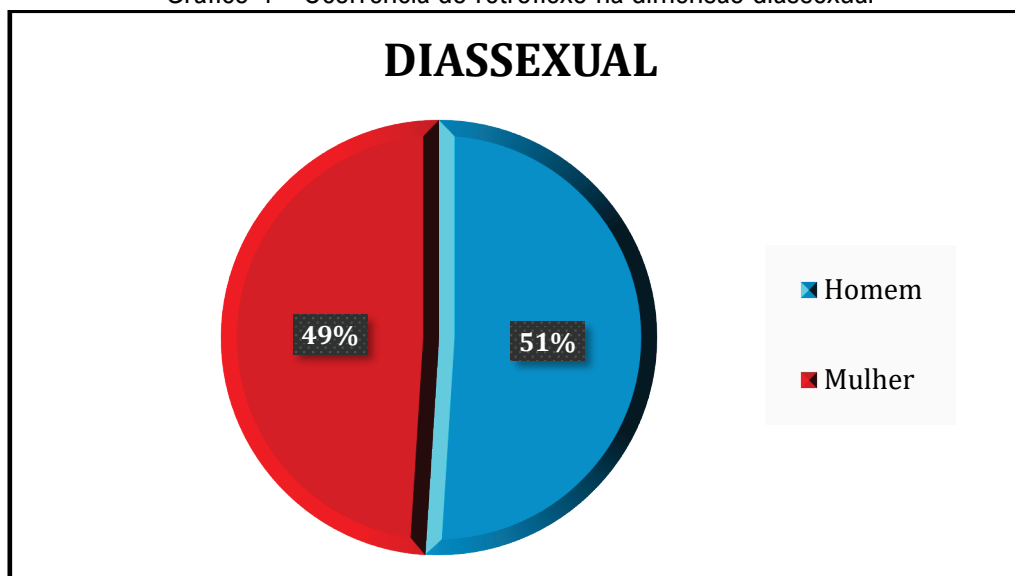
A escolaridade pode ser observada como variável favorável para a realização de uma ou outra variante. Ela se destaca, principalmente, em estudos que discorrem sobre o rotacismo, pois a escola manifesta o prestígio pelas formas consideradas padrão e, desse modo, é possível identificar a influência do ambiente escolar sobre a variante.

Na análise percebemos que, diferentemente do rotacismo, no qual constatou-se sua nulidade total em coda silábica final, a variante retroflexa esteve presente em palavras como: “colher”, “montar” e “mulher”.

As ocorrências da variante retroflexa, entre os informantes que registraram o fenômeno, ocorrem em 17 palavras, são elas: “torneira”, “pórvora/pórva”, “armoço”, “gordura”, “colher”, “liquidificador”, “fervendo”, “árvore”, “montar”, “borboleta”, “trabalhar”, “perdão”, “mulher”, “perfume”, “dormindo”, “perdida” e “pergunta”.

Os dados sobre o retroflexo apontam para a disseminação do fenômeno tanto na fala masculina como na feminina. A retroflexa mostrou-se, discretamente, mais produtiva na fala de informantes masculinos, como é possível observar no Gráfico 4:

Gráfico 4 – Ocorrência do retroflexo na dimensão diassexual



Fonte: Elaborado pelas autoras

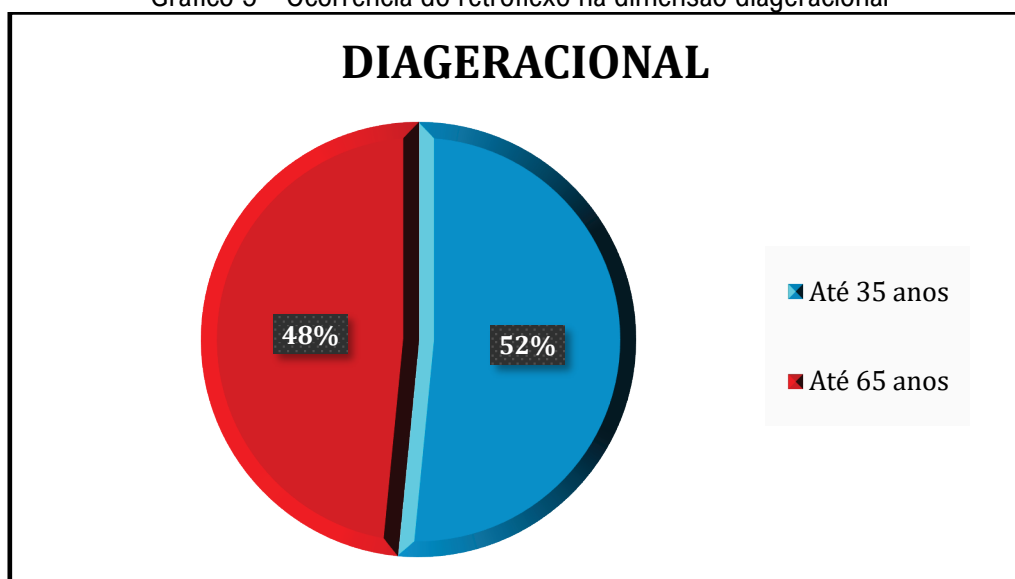
Segundo López Morales (1993) e Moreno Fernández (1998), informantes femininos apresentam maior grau de consciência linguística e, portanto, podem apresentar um comportamento linguístico que vai ao encontro das variáveis vistas como “melhores” dentro de uma determinada comunidade de fala. O fato de, nesta pesquisa, o sexo feminino ter apresentado um número de ocorrências do retroflexo quase equivalente ao do sexo masculino nos conduz a pensar que o

fenômeno não sofre avaliações negativas nas comunidades estudadas, ou seja, não é estigmatizada.

Na dimensão diageracional, o retroflexo fez-se presente na fala dos dois grupos. Os jovens tiveram, contudo, um percentual mais alto de ocorrências. Em seguida, no Gráfico 05, é possível verificar a porcentagem de cada grupo:



Gráfico 5 – Ocorrência do retroflexo na dimensão diageracional



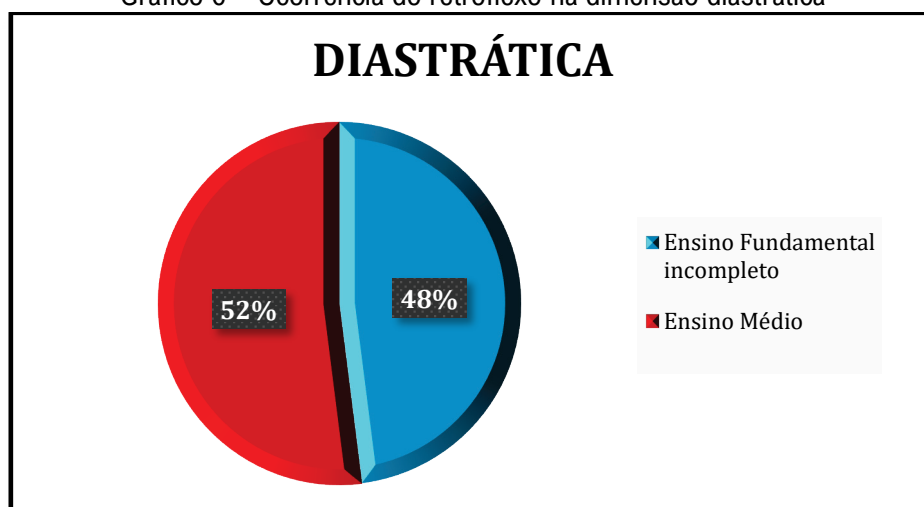
Fonte: Elaborado pelas autoras

Muito provavelmente, a diferença nos registros do retroflexo entre as faixas etárias represente seu *status* e origem. Ele está em contraposição ao tepe, variante presente entre os grupos sulistas que colonizaram Cascavel, aos quais pertence a maioria dos informantes da faixa etária mais velha. Destaca-se, contudo, que a sua realização não se mantém somente no interior da variável faixa etária, pois pode ser tomado como uma mudança em progresso, que não sofre estigmatização na comunidade, mas

se coloca como um indicador diatópico, em que se pode reconhecer a procedência geográfica do falante.

A dimensão diastrática revelou que o fenômeno ocorre nos dois grupos: indivíduos que cursaram até o Ensino Fundamental ou até o Ensino Médio. O maior número de ocorrências foi registrado em falantes com Ensino Médio:

Gráfico 6 – Ocorrência do retroflexo na dimensão diastrática



Fonte: Elaborado pelas autoras



O nível de escolaridade também é associado a noções de estigma e prestígio. Imagina-se que falantes que têm maior grau de escolarização tendem a evitar mais as formas não prestigiadas. As ocorrências da variante retroflexa ocorreram, em grande escala, nos dois grupos, fato que nos mostra, mais uma vez, que a cidade de Cascavel não desprestigia o fenômeno em questão e que o retroflexo pode estar entre as variantes a serem adotadas nos processos de mudança linguística.

CONCLUSÃO

No presente trabalho foi possível analisar os fenômenos do rotacismo e do retroflexo na fala de informantes cascavelenses a partir dos conceitos da Dialetoologia Pluridimensional e das variáveis sociais eleitas.

Os dados nos permitem reconhecer que as duas variantes fazem parte da realidade linguística do município, cada qual, porém, com números de ocorrências distintos devido ao grau de estigma e prestígio linguístico dos indivíduos para com as variantes estudadas.

A partir das dimensões diastrática, diageracional e diassexual conseguimos entender que contextos linguísticos podem estar atuando como condicionadores dos fenômenos e quais podem estar bloqueando, por extensão, o rotacismo.

Os dados analisados a partir da escolaridade dos informantes apontam para o condicionamento do ambiente escolar sobre a não rotacização, pois esta é uma variante estigmatizada em alguns contextos e por alguns grupos. Observamos, contudo, que este não é um fato que se aplica à variante retroflexa, devido ao equilíbrio dos registros das ocorrências apresentadas em grupo de falantes com Ensino Fundamental completo ou incompleto e com Ensino Médio completo ou incompleto.

A dimensão diageracional também foi importante para que conseguíssemos visualizar

o cenário linguístico da fala cascavelense. Constatamos que os falantes mais velhos tendem a manter os traços linguísticos de origem, no caso do tepe, em relação ao retroflexo, e da lateral velarizada, em relação ao rótico.

Ao analisarmos os dados, considerando a dimensão diassexual, observamos que há comportamentos linguísticos distintos entre os sexos, determinado, muito provavelmente, pela avaliação sobre os fenômenos na comunidade. As mulheres tendem a adaptar sua fala aos fenômenos que não sofrem estigma. Desse modo, percebemos o motivo de o rotacismo aparecer em menor índice na fala feminina e o retroflexo aparecer em um número quase que equivalente ao da fala dos homens.

Os dados apresentados neste estudo nos levaram a observar que as variantes são vistas de modo diferente pelos cascavelenses: o rotacismo, por exemplo, sofre alguma carga de estigma, principalmente quando estudamos as ocorrências observando as variáveis sexo e escolaridade. O retroflexo, por sua vez, mostra-se como um indicador diatópico da região dos informantes e tem, até mesmo, grau de prestígio encoberto.

Apesar das diferenças entre um fenômeno e outro, o cenário multicultural e dialetal na construção da fala de Cascavel possibilita que ambos os fenômenos convivam, atestando o fato de que a variação linguística faz parte da localidade. Sabe-se, contudo, que o quadro apresentado neste trabalho acerca do retroflexo e do rotacismo pode mudar, mesmo sendo registrado aqui um momento histórico, pois a língua é viva e, portanto, condiciona e é condicionada pela sociedade, fato que proporciona o surgimento de novas pesquisas que possam auxiliar para um retrato da fala.



REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. **Atlas linguístico do Paraná – ALPR**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: HUCITEC, 1976.
- BAGNO, M. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BUSSE, S. Línguas e culturas em contato no Oeste paranaense: o que revelam as crenças e as atitudes dos falantes. In: SELLA, A. F.; ROMAN, E. C.; CORBARI, A. T. (org.). **X Celsul: congregando pesquisas**. 1. ed. v. 1. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016. p. 121-146.
- BUSSE, S. **Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná**. 2010. 286 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.
- BUSSE, S. Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná. In: ALTINO, F. C. (org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: nos caminhos de Vanderci de Andrade Aguilera**. 1. ed. Londrina: Midiograf, 2012. p. 161-180.
- CARDOSO, S. A. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CASCAVEL. A Cidade. In: PORTAL do município de Cascavel. **Cascavel: Portal do Município de Cascavel**, 2012. Disponível em: <http://www.cascavel.pr.gov.br/historia.php>. Acesso em: 11 abr. 2017.
- COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- COSERIU, E. **La geografía lingüística**. Montevideo: Universidad de la República, 1950.
- COULTHARD, M. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- COX, M. I. P. Línguas misturadas: para além de bem e mal. **Revista Linguagem**, São Paulo, v. 1, n. 4, n.p., out./dez. 2008. Disponível em:
- CRISTÓFARO-SILVA, T. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERREIRA, C; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto; 1994.
- http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao04/04_020.php. Acesso em: 10 abr. 2017.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 1972.
- LIMA, M. **As consoantes róticas no português brasileiro com notas sobre as róticas das variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia**. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.
- MAPA de Cascavel. [S.l.: s.n.], 2009. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cascavel_mapmuni.JPG. Acesso em: 8 jul. 2019.
- MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.
- SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madrid: Editorial Alhambra, 1989.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.



TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa.**
São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

CRISTINO, T.; BUSSE, S. O falar caipira não é um problema – um estudo do rotacismo e do retroflexo no falar cascavelense. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 33-46, 2019.